

FASCÍCULO

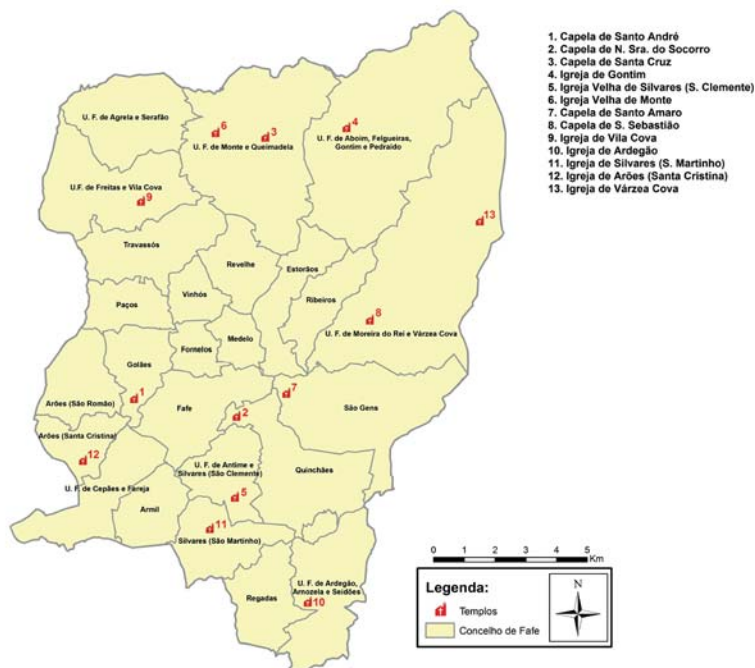
03

PARTE II

Património Religioso - Memória e Identidade

O Barroco e o Rococó em Fafe





O BARROCO E O ROCOCÓ EM FAFE

No seguimento do fascículo anterior, é evidenciada, mais uma vez, a nudez dos templos fafenses, num processo que, durante o século XX, caracterizou a aversão aos elementos que não fossem da época medieval (fundação da nacionalidade) e dos descobrimentos (estilo manuelino, gótico português). Os cruzeiros dos centenários (1140 e 1640) erguidos em praticamente todas as paróquias portuguesas, em 1940, são outra prova do nacionalismo vivido durante o Estado Novo.

Ao “estilo” ou originais, os retábulos são, maioritariamente, barrocos. Nos treze edifícios deste fascículo, há oito retábulos mores ao “estilo”, um proveniente de mobilidade, um original (rococó) e quatro desnudos, apenas com sacrário; os retábulos colaterais e laterais seguem este perfil. A listagem tem em conta os templos de (re) construção recente.

Para além das políticas culturais centrais e locais (párocos), teremos de abordar o contributo comercial que muitas empresas de “preservação e recuperação” do património têm fornecido. São as repinturas e as cores não condizentes com os entalhamentos originais, abusando de algo que é intrínseco ao cidadão comum, isto é, o brilhantismo da cor colhe, de imediato, a sua simpatia; noutros casos, as imagens originais são trocadas por cópias, infundindo a verdade no seio das comunidades católicas. O recurso aos “restauradores” de Braga é a causa principal do estado da arte sacra nas nossas igrejas e capelas.

São praticamente quatro séculos de uma cultura que ainda persiste, fazendo com que três quartos do património português residam na arte sacra!



CAPELA DE S.^{TO} ANDRÉ (GOLÃES)

Golães, em 1758, pertencia ao concelho de Guimarães. A capela, de invocação pouco comum nos templos de Fafe, encontra-se numa área rural de enorme importância histórica e patrimonial, assim como de grande beleza paisagística.

O templo e a área envolvente foram, recentemente, alvo de obras de beneficiação, que lhe devolveram a dignidade perdida e o salvaram da ruína.

Pelo exterior, as paredes rebocadas são uma evidência estética do templo. A fachada principal contém uma empena “barroca” com a cruz latina recuada do ápice do arco apontado e é aberta por uma porta de verga reta encimada por janela; há pináculos nas duas fachadas assentes em plintos bem salientes.

Este templo foi erigido junto à antiga estrada real que atravessava o território de Monte Longo, desde o importante centro de Guimarães até às terras de Basto. Junto ao templo, restam, da

via medieval, a Ponte de Bouças (documentada desde 1292) e um pequeno trecho de calçada medieval.

Nas imediações da capela, existiu uma gafaria ou leprosaria, entretanto desaparecida, já referida no ano de 1220. As leprosarias, instituições de saúde que tinham como função acolher leprosos, instalavam-se junto a caminhos e pontes de maior circulação com o objetivo de receber mais donativos dos viajantes

Esta capela é contemporânea da própria gafaria, tal como é possível confirmar em documento de 1498, onde é referido que a gafaria e talvez a própria capela que a servia estariam já em ruínas.





Localização: Tv. de N. S.ª do Socorro, Quinchães
Coordenadas: 41°27'6.34"N 8°8'48.74"O

CAPELA DE N. S.^a DO SOCORRO (QUINCHÃES)

Quinchães, em 1758, pertencia ao concelho de Monte Longo. A capela remonta ao ano de 1701 e a sua origem é bem conhecida graças à documentação coeva.

No ano de 1726, é referido que “...*he moderna e a mandou fazer hum Joseph Moreira, do Rio, da freguesia de São Bertholomeu de São Gens*”, que alcançou a sua riqueza no Brasil “...*e, vindo para o Reino e para a sua terra, mandou fazer esta capella [...] com muito aseio e perfeição com tres altares, tudo dourado e de boa pedraria*”.

Apresenta dimensões consideráveis e alguns elementos de destaque, principalmente no seu interior. Em termos arquitetónicos, ostenta a fachada principal pentagonal, assim como a oposta, com alguns elementos residuais do neoclássico: pilas-

tras, empenas e pináculos.

O retábulo - proveniente do exterior - encontra-se ricamente coberto de talha dourada e ornamentos que se integram no Barroco nacional (pares de colunas e arco interior), com alguns acrescentos: entalhamentos maneiristas no remate e nas portas do embasamento; o frontal do altar, o sacrário e a tribuna contêm peças barrocas “ao estilo”. As figuras que compõem este retábulo: S. to António (Evangelho) e S. ta Eulália (Epístola), enquadrados em espaços intercolúnios que, anteriormente, foram preenchidos com pinturas, de acordo com a sua feição maneirista.

O nicho do lado do Evangelho, embutido na parede da capela, apresenta entalhamentos maneiristas (reaproveitamento) no seu contorno; a figura principal S. Joaquim, de provável origem medieval, integra-se num retábulo ao “estilo” neoclássico, posicionando-se na vitrina a Senhora da Boa Morte. No lado da Epístola, e num retábulo em tudo semelhante, pontifica S. Pedro.

Para além dos retábulos, destacam-se as sepulturas, junto à mesa do altar, com inscrições e ornamentação; únicos no concelho, demonstram a grande distinção social vivida nas épocas Moderna e Contemporânea.



CAPELA DE S.^{TA} CRUZ (QUEIMADELA)

Em 1758, a freguesia de Queimadela pertencia a Guimarães, sendo S. ta Cruz um dos 13 lugares da comunidade, contando com 149 pessoas. Esta capela era a única que o padre memorialista de 1758 registou e a quem se concede N. S.^a da Piedade como padroeira.

A capela constituiu um templo de grande importância para as gentes da freguesia. A sua utilidade religiosa é comprovada pela documentação, sendo referido nas *Memórias Paroquiais de 1758* que tinha como função *“administrar os sacramentos aos enfermos do dito lugar, pella distancia que tem a esta igreja* (de Queimadela)”, colmatando as necessidades religiosas dos crentes das zonas mais elevadas e distantes da freguesia.

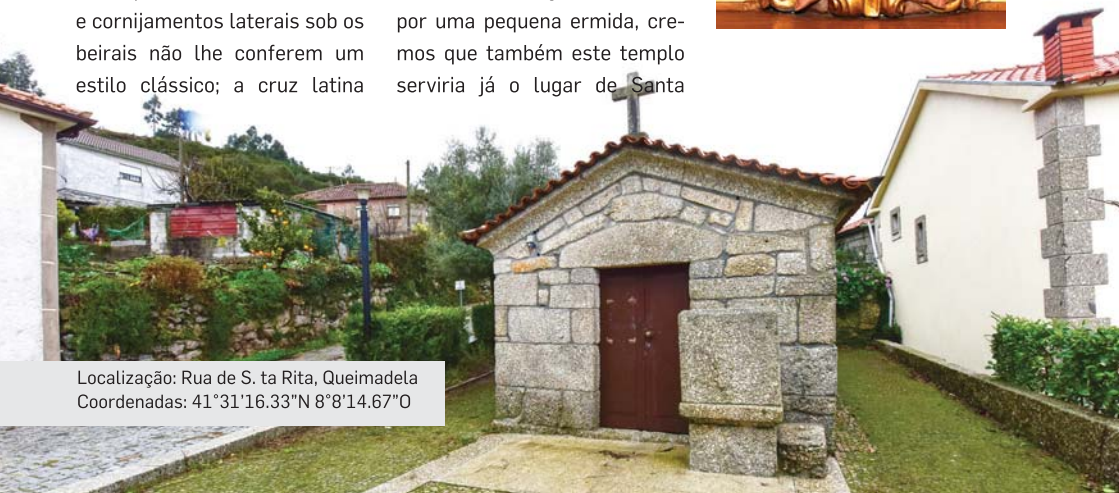
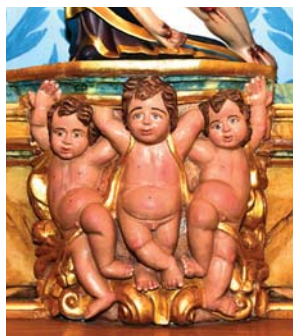
É um templo de pequenas dimensões e traça simples, com as paredes robustas rasgadas apenas pela porta da entrada e por uma pequena fresta lateral. Foi remodelada, recentemente, com subvenção comunitária. As empenas das duas fachadas e cornijamentos laterais sob os beirais não lhe conferem um estilo clássico; a cruz latina

recua, no ápice das empenas; um púlpito exterior comprova a frequência de pregadores em atos festivos.

No seu interior, a capela conta com um retábulo ao “estilo” Barroco que se observa na ornamentação do remate, na penanha da padroeira e no frontal do altar, patenteando-se, nas ilhargas do retábulo, duas esculturas de vulto - Sagrado Coração de Jesus (Evangelho) e N. S.^a do Rosário de Fátima (Epístola). O retábulo engloba uma interpretação de artista regional de N. S.^a da Piedade.

O lugar de Santa Cruz surge nas *Inquirições de 1220* como um dos mais importantes de Queimadela. Por esta altura, e à semelhança do que acontecia no centro da freguesia, servido por uma pequena ermida, cremos que também este templo serviria já o lugar de Santa

Cruz e vizinhos.



Localização: Rua de S. ta Rita, Queimadela
Coordenadas: 41°31'16.33"N 8°8'14.67"O



IGREJA DE GONTIM

Nas *Inquirições de 1220 e 1258*, Gontim pertencia ao Julgado de Travassós, que constituía um território independente de Monte Longo, território administrativo que deu origem ao atual concelho de Fafe.



A igreja encontra-se afastada do centro do povoado. A documentação antiga permite saber que esta foi deslocada do seu lugar primitivo medievo na segunda metade do séc. XVI, talvez devido à necessidade de albergar um maior número de fiéis num templo de maiores dimensões.

É nos Livros de Visitações do séc. XVI, que nos surge a notícia da construção do novo templo, mais propriamente no ano de

1571, momento em que os visitantes referem que a construção da nova igreja deveria ser iniciada ainda nesse ano e não podia demorar mais de três anos “...sob penna de dous mill reaes...”, sendo que a cargo do mestre de obras vindo de Garfe (Guimarães) ficou a traça da igreja e o sítio onde a levantar. Desde essa época para cá o templo não mais terá mudado de lugar.

A fachada não contém qual-

quer coordenada estilística: as empenas, residuais, são truncadas para receber a torre sineira. Em 1758, havia três altares: S. ta Eulália (mor), N. S.ª do Rosário e S. Sebastião (colaterais). Atualmente, descortinam-se cinco imagens: S. to António e S. ta Eulália (Evangelho), N. S.ª do Rosário e Menino Jesus e Salvador do Mundo (Epístola).

O sacrário, ao “estilo” barroco, é destacado por dois anjos tocheiros e envolvido por acanto com dois galináceos, fruto de uma interpretação popular. A ornamentação “barroca” do altar-mor consta de concheados no remate; predominando também os concheados rococó nas colunas, no remate e no embaçamento.

IGREJA VELHA DE SILVARES S. CLEMENTE

O templo mantém-se hoje no seu local de origem medieval, junto ao cemitério e numa área rural que ao longo dos séculos terá perdido importância e centralidade; prova disso, foi a necessidade de construir um novo templo, no século XX, mais próximo do atual núcleo da freguesia.

Já vem do séc. XI esta freguesia ser uma das poucas no concelho de Fafe a contar com duas igrejas, embora a igreja velha tenha perdido grande parte da sua utilidade religiosa.

A freguesia foi fundada em momento anterior à Nacionalidade. O povoado é referido numa doação de 1043: “villa nostra propria quod uocitant siluares”, sendo praticamente garantido que S. Clemente existe, pelo menos, desde o séc. X, abarcando já Silvares (S. Martinho), uma vez que, em 1059, são mencionadas as duas igrejas associadas a uma só villa: “siluares ab integro cum suas ecclesias”. A desanexação de Silvares (S. Martinho) só viria a acontecer nos finais do séc. XIII.

A fachada principal é rasgada por uma porta de arco de volta perfeita; a empena é truncada para receber a cruz latina; a torre sineira está adossada a norte. São elementos que retiram qualquer classificação estilística. A fachada posterior é enriquecida com os plintos e pináculos assentes nos cunhais; a empena é cortada para depositar a cruz latina.

O retábulo-mor indica o “estilo” neoclássico com decoração “barroca” nas colunas, no entablamento, no remate e nas pedras das imagens. No lado do Evangelho, visionamos S. Martinho em vez de S. Clemente (padroeiro) e S. Pedro, no lado da Epístola.

Na nave, no lado da Epístola, existe o retábulo lateral de S. ta Teresa de Lisieux, ao “estilo” barroco e um dossel com S. José; na banda contrária, o retábulo do Sagrado Coração de Jesus, ao “estilo” barroco, flanqueado por S. to António e S. Gonçalo, conjunto ao qual se segue um dossel com o Sagrado Coração de Maria. O cenário é diferente de 1758: altares principais [mor], N. Senhora e Nome de Deus (provavelmente colaterais).





IGREJA VELHA DE MONTE

Situada bem no centro da aldeia, a igreja velha não esconde a sua antiguidade, tal com os edifícios que a rodeiam, criando um espaço que transporta o visitante para os tempos de antanho.

Nas *Inquirições de 1220 e 1258*, a paróquia de "*Sancti Michaelis de Monte*" já era uma realidade com uma pequena capela. Nos *Livros de Visitações do séc. XVI* citam-se pequenas alterações: a abertura de uma fresta para entrada de luz, sendo também ordenado aos fregueses, em 1571, para "*abrir um armário na parede junto à pia de batismo, forrá-lo e fechá-lo à chave*" para garantir a segurança e decência dos santos óleos.

No ano de 1758, a freguesia incluía-se no concelho de Guimarães. Registava apenas um altar (S. Miguel) e sem irmandades ou confrarias.

A recente remodelação demonstra o empenho na criação de melhores condições e até de estética. O arco da fachada não lhe confere atributos esti-

lísticos clássicos, bem como as empenas que se prolongam na horizontal para chamar a atenção do campanário e da torre inclusa no aparelho da fachada.

A visibilidade de frisos e cornijas na nave comprovam o alteamento das paredes norte e sul. O interior, despido de talha, ostenta, na parede fundeira, S.to António (Evangelho), e S. Miguel Arcanjo (Epístola), mas que merecia o lugar oposto como padroeiro; ao centro, Cristo Crucificado.

As peanhas graníticas dos dois santos contêm decoração rococó, ao "estilo". A única peça entalhada é o sacrário, ao "estilo" barroco.

A nudez da nave é interrompida pelas imagens dos espaços colaterais: S. Sebastião, no Evangelho, e S. Miguel, na Epístola; neste mesmo lado,

lateralmente, N. S.^a do Rosário de Fátima.





CAPELA DE S.^{TO} AMARO (S. GENS)

S. Gens pertencia ao concelho de Monte Longo, em 1758.

A capela localiza-se no lugar da Pica, num pequeno e aprazível largo junto a um cruzeiro comemorativo dos centenários: 1140 – formação de Portugal; 1640 – Restauração de Portugal. S. to Amaro é conhecido como o advogado das “doenças dos ossos”, sendo muito venerado não só pela população de S. Gens, como das freguesias vizinhas. A esta capela afluem inúmeros devotos para cumprirem as suas promessas, deixando como pagamento ao santo uma perna ou um braço de cera, por exemplo, que se depositam num baú de madeira junto à porta da entrada.

Nas *Memórias Ressuscitadas do Entre Douro e Minho de 1726*, Craesbeeck refere que S. to Amaro era uma das seis

capelas existentes em S. Gens e que nas suas proximidades “... *há huma grande feira todos os annos, que era aos 18, de cada mes, e hoje he aos 20...*”.

As empenas das duas fachadas assentam em cunhais com plintos e pináculos piramidais e esfera; estes elementos arquiteturais e a porta de verga reta e duas aberturas laterais, bem como os entablamentos das paredes laterais, não conferem à capela a inclusão no estilo neoclássico.

O retábulo, de “estilo” barroco nacional e joanino, exhibe S. to António (Evangelho), S. to Amaro (tribuna, um dos espaços corretos para a sua localização) e São Brás (Epístola). As colunas do “estilo” barroco joanino (colunas torsas com floreados nos cavados) assentam em mísulas onde sobressaem anjos que intercalam painéis ao mesmo “estilo”. No remate vislumbra-se uma composição de anjos envolvidos em panejamentos, acanto e concheados. O sacrário não é uma evidência como normalmente sucede, mesmo nestes retábulos ao “estilo”.





CAPELA DE S. SEBASTIÃO (MOREIRA DO REI)

Em 1758, Moreira de Rei era couto da comarca de Guimarães

Pelo ano de 1726, Francisco Xavier da Serra Craesbeeck dava conta da existência de quatro capelas em Moreira do Rei, entre as quais a de S. Sebastião, referindo que esta ficava “...ao pee da casa da audiencia...”, no centro da freguesia.

O templo é de paredes graníticas robustas, rasgadas apenas por uma porta de entrada. As empenas recentes mantêm, nos cunhais, pináculos simples piramidais e cruz latina recuada do ápice.

No seu espaço interior, é visível um pequeno retábulo barroco, repintado, com proveniência exterior (mobilidade por doação ou venda), obedecendo às regras do Barroco nacional (colunas com parras, uvas e meninos) e reorganizado com folhagem de acanto a ladear as colunas. O sacrário e o dossel com cortinados e anjos fazem parte do Barroco joanino. Há ainda dois fragmentos de colunas do Maneirismo com o primeiro terço decorado com enta-

lhamentos miúdos. O padroeiro, S. Sebastião, foi trabalhado por entalhador regional, bem como todos os entalhes retabulares; localiza-se na tribuna, espaço certo para o padroeiro, assim como o lado do Evangelho.

Para além do retábulo, encontra-se uma antiga pintura ao “estilo” maneirista de S. Brás (bispo, mártir, e protetor contra os males da garganta), com a seguinte legenda: **“ESTE SÃO BRAS FOJ FEITO POR HUMAS DE VOTOS EM 1858.”**

Localização: Rua do Foral, Moreira do Rei
Coordenadas: 41°28'50.60"N 8° 6'50.19"W





Localização: Rua da Igreja, Vila Cova
Coordenadas: 41°30'38.84"N 8°11'55.62"O

IGREJA DE VILA COVA

A freguesia encontra-se entre as mais antigas do concelho de Fafe, facto comprovado por testemunhos documentais que confirmam a presença de *villae* no território de Fafe logo no séc. X, ao tempo do rei Ramiro II (931-951).

Manteve-se inserida em Guimarães até à criação do concelho de Fafe, em 1853, acompanhando as reformas administrativas e territoriais efetuadas a nível nacional.

Os *Livros de Visitações* do séc. XVI permitem saber que em 1586 se mandou fazer um “*cabido ou alpendre*”, talvez devido às reduzidas dimensões do templo. A mesma documentação faz referência à repintura do retábulo com “*boas tintas a óleo*”.

Atualmente, as fachadas em

cantaria de granito, de aparelho irregular, exigem reboco. Os remates, nos topos dos corpos da nave e capela-mor, têm empena coroada por cruz latina e, nos extremos, pináculos piramidais com esfera; as fachadas laterais contêm cornija sob beiral. A fachada principal é simples, rasgada por portal de verga reta encimado por óculo. A torre sineira (ao “estilo” neoclássico) ocupou o pilar da fachada, adossou-se a norte e compõe-se de dois andares sendo sobrelevada com quatro urnas e cúpula “barroca”.

Há talha na capela-mor e na nave (dois retábulos e duas capelas laterais). O retábulo-mor, ao “estilo” barroco-joanino, ostenta duas imagens nos intercolúnios: Apóstolo S. Bartolomeu (Evangelho) e S. Roque

(Epístola); há sanefas do mesmo gosto nas duas janelas e duas portas da capela-mor.

Os retábulos e as capelas laterais são distintos, agrupando-se em cada banda da nave. No Evangelho: N. S.^ª do Rosário com o Menino integra-se num barroco joanino reorganizado e repintado; segue-se a capela do Senhor dos Passos com concheados ao “estilo” barroco. Na Epístola: há a invocação do Santo Cristo ao “estilo” rococó, juntando-se a invocação a S. to António, em capela, num barroco joanino reorganizado e repintado. No púlpito (Evangelho) destaca-se apenas um florão na caixa. Nos espaços colaterais, descortinam-se apenas as imagens de N. S.^ª do Rosário de Fátima (Evangelho) e S. ta Teresa de Lisieux.



IGREJA DE ARDEGÃO

Referida como freguesia nas *Inquirições de 1220*, Ardegão seria servida por uma pequena capela, desde sempre abarcada pela *Terra de Celorico de Basto*, até 1853, momento em que foi integrada no concelho de Fafe.

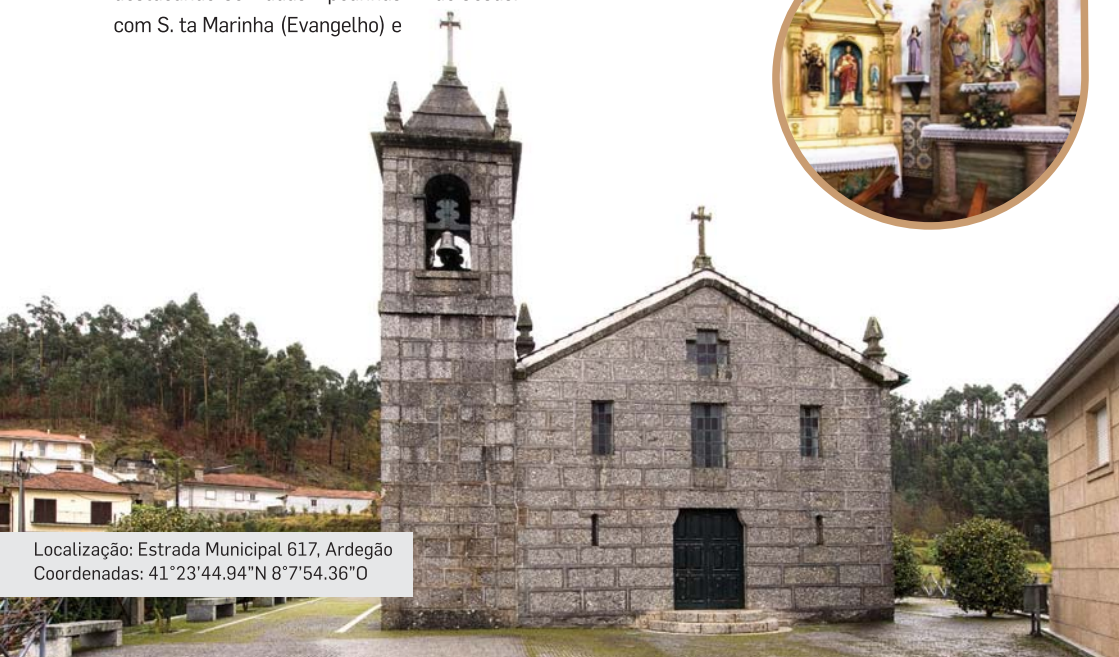
A igreja de Ardegão foi alvo de uma remodelação e aumento no ano de 1974. A fachada principal não obedece a nenhum estilo artístico, embora se observem alguns elementos residuais neoclássicos: empena com cunhais encimados por pináculos piramidais e cruz latina no topo. A torre sineira - ao "estilo" neoclássico - está adossada ao templo pelo lado norte.

Não há talha original: os três retábulos foram feitos ao "estilo". O retábulo-mor foi idealizado com painéis pintados ao "estilo" transição rococó-neoclássico, destacando-se duas peneiras com S. ta Marinha (Evangelho) e

S. José (Epístola); o sacrário é o único elemento de talha, ao "estilo" barroco-rococó: decoração "barroca" na porta, nos arcos e nos voluteamentos laterais; "rococó" nos concheados da base do sacrário, nos assentos dos voluteamentos laterais e nas laterais dos arcos superiores, encimando-os.

Os retábulos colaterais ostentam a estrutura e a ornamentação ao "estilo" neoclássico com remate de feição "barroca". O colateral do Evangelho tem a invocação de S. Sebastião e o da Epístola a do Sagrado Coração de Jesus.

O frontispício do arco cruzeiro contém uma pintura onde pontifica "N. S.ª e o Espírito Santo" contornada com ornamentação de sabor barroco-rococó. A invocação mariana impera neste templo.



Localização: Estrada Municipal 617, Ardegão
Coordenadas: 41°23'44.94"N 8°7'54.36"O



Localização: Rua de Tresmil, Silvares S. Martinho
Coordenadas: 41°24'47.41"N 8°9'53.13"O

IGREJA DE SILVARES S. MARTINHO

A igreja é uma das mais antigas do concelho de Fafe, sendo referida logo no ano de 1059. No Livro de D. Mummadona, são mencionadas claramente duas igrejas incluídas em uma só *villa*: “*siluares ab integro cum suas ecclesias*”. A freguesia de Silvares (S. Martinho) integrava o território de Silvares (S. Clemente), alcançando a sua independência na segunda metade do séc. XIII.

Devido ao aumento demográfico, o *Livro de Visitações do séc. XVI* dá-nos conta de um importante aumento realizado no templo, referindo o visitador que “*os freigueses [...] acrescentarão a igreja para a porta principal atee vinte palmos, e lhe farão outra porta maior que ha que está sob pena de mill reaes, pera o que lhe dou dous annos e comessarão neste presente anno de 1571.*”

Uma intervenção moderna introduziu duas capelas adjacentes à capela-mor. A fachada principal é rasgada por uma porta de verga reta encimada por janelão; a empena contracurvada termina em arco apontado (estilo barroco), cujo ápice toma a cruz latina e as bases os pináculos (repetidos na fachada oposta), além do pináculo piramidal com esfera presente no cunhal sul. O reboco assinala a estética da fachada principal e o granito, de aparelho regular, domina o restante edifício. A torre sineira, adossada a norte, confere a estética com três andares, quatro pináculos e uma cúpula barroca.

No retábulo “neoclássico” assinala-se uma ornamentação “barroca”: arcos dos intercolúnios, penhas das imagens, sacrário (com concheado rococó), orla do camarim e remate. A N. S.^a do Rosário (Evangelho) não outorga a presença do padroeiro, S. Martinho de Tours; na Epístola, colocou-se S. Miguel Arcanjo. Em 1758, registavam-se três altares - S. Martinho, Rosário (Epístola) e Nome de Deus (Evangelho) -, e uma invocação: Santíssimo.

Na nave, as invocações laterais não correspondem a 1758: no Evangelho, Nome de Deus foi substituída pelo Sagrado Coração de Jesus (imagem flanqueada por N. S.^a das Dores e S. to António); na Epístola, N. S.^a do Rosário deu lugar a N. S.^a do Rosário de Fátima ladeada por S. ta Luzia (N. S.^a da Conceição, em 1989) e S. ta Quitéria. Os retábulos têm um cunho de “estilo” rococó-neoclássico.



IGREJA DE ARÕES

S.^{TA} CRISTINA

A igreja de Santa Cristina de Arões é de construção recente (1986) e veio substituir a antiga igreja, com a qual partilhou o espaço durante alguns anos. Esta encontrava-se a escassos metros da sua fachada, onde hoje se localiza a escadaria de acesso à igreja.



Nos Livros de Visitações do séc. XVI, em 1571, foi ordenado aos paroquianos que colocassem uma porta nova no templo e ainda, “concertarem o cabido [alpendre] de novo porquanto não estaa conforme a visitação nem o levo em conta sob [pena] de dozentos reaes quada cousa atee o nataal.”

Do templo antigo, restam apenas a pia batismal, a base do antigo púlpito que hoje é parte do ambão, uma pia de água benta e o sacrário. A padroeira vislumbra-se num dossel ao “estilo” barroco joanino.

O sacrário, inscrito numa mandorla incompleta flamejante, da fase artística de transição do barroco-rococó, localiza-se no lado da Epístola. As composições que envolvem a porta do sacrário são volumosas, uma

das características do rococó. A porta barroca exhibe o “Agnus Dei”; o dossel, com acanto nas extremidades e ornatos em “S” é encimado pelo Sagrado Coração de Jesus em resplendor; uma composição rococó ladeia a porta do sacrário – com voluteados nas extremidades interpoladas com concheados.

A mesa de altar, a pintura com a crucificação de Cristo (da antiga igreja paroquial) e as imagens de N. S.^a de Fátima e de S. José, aparentam a metáfora de um retábulo. Evidenciam-se cinco imagens: S. to António, N. S.^a do Rosário de Fátima, Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria, S. Sebastião. Os “Passos da Paixão de Cristo”, em baixo-relevo, distribuem-se pela nave do templo em quadros simplificados.



As imagens da antiga paroquial encontravam-se, em 1989, numa dependência da atual igreja.

A atenção do crente fixa-se ainda na padroeira exibida em plinto sob um dossel ao “estilo” barroco encimado com concheados e coroa, sinais de uma fase artística que marcou indelevelmente os templos portugueses, na prossecução de uma metodologia contrarreformista, ou seja, antiprotestante, numa função processional que os católicos ainda vincam como tradição e crença.



Localização: Rua Conceição Valdemar Gonçalves, Arões Sta. Cristina
Coordenadas: 41°26'36.29"N 8°12'55.61"O



IGREJA DE VÁRZEA COVA

A freguesia ainda não estaria constituída como paróquia na Idade Média; pelas escassas notícias da documentação medievla e seguinte, teve desde sempre ligações a Cabeceiras de Basto.

As *Inquirições de 1258* mostram-nos a sua anexação à paróquia de Santa Maria do Outeiro, constituindo já uma villa de alguma dimensão. Nas fontes do início do séc. XVIII, descobriu-se que Várzea Cova se tornou independente, tal como se depreende pelo testemunho de Francisco Craesbeeck no ano de 1726: *“A igreja de Santa Maria de Outeiro [...] Antigamente era só; e, por ser grande, se dividio em a de Vargea Cova...”*.

A igreja de Várzea Cova foi alvo de profundas alterações na sua traça nos finais da década de 60 do séc. XX, momento em que foi aumentada e o torreão sineiro independente foi substituído por uma torre junto à fachada do templo. As paredes receberam reboco. A cruz latina assenta no ápice da em-

pena da fachada principal, que é rasgada por porta de verga reta encimada por janela. A torre sineira, ao “estilo” neoclássico, adossada a sul, evidencia um coruchéu piramidal e pináculos igualmente piramidais.

Na arte da talha, há um programa coerente nos retábulos mor e colaterais: estilo rococó; os marmoreados substituíram o dourado, mas os ramos de flores dominam na ornamentação; no mor, os dosséis das imagens são assimétricos. Em 1989, registavam-se retábulos de talha branca (repintura) e dourada, presumindo-se a sua alteração na remodelação acima referenciada. Em 1971, O Povo de Fafe registava os *“restauros na rica talha de estilo D. João V [Barroco joanino] que foi herdada do velho templo.”*

Atualmente, no retábulo-mor, temos a padroeira também designada por N. S.^a de Apresentação, no Evangelho, e S. José, na Epístola; Sagrado Coração de Jesus (colateral do Evangelho) secundado por N. S.^a das Dores e S. to António (as mesmas de 1989) e N. S.^a de Fátima (colateral da Epístola) rodeada por S. Bento e S. Sebastião (as mesmas de 1989). S. Sebastião e S.to António são as imagens que se mantêm desde 1758.



Localização: Rua da Igreja, Várzea Cova
Coordenadas: 41°30'31.54"N 8°4'10.17"O



cm-fafe.pt /municipiofafe

FICHA TÉCNICA

Título

Fascículo 03 (parte II) Património Religioso – Memória e Identidade
O Barroco e o Rococó em Fafe

Propriedade

Câmara Municipal de Fafe

Coordenação Geral

Pompeu Martins

Artur Coimbra

Edição

Tamanho Real, Agência de Comunicação

Fotografia

Manuel Meira

João Nuno Machado

Textos

João Nuno Machado

José Carlos Meneses

Produção

Daniela Costa Sousa

Sónia Lopes